

# EPISÓDIO 41. ESTAMOS AQUI AGORA: A JUVENTUDE A MOLDAR A SAÚDE MUNDIAL

*Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.*

**Garry Aslanyan** [00:00:10] Olá e bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou o vosso anfitrião, Garry Aslanyan. O mundo assiste à sua maior geração de jovens de sempre, com metade da população global com menos de 30 anos. Um futuro sustentável assenta no envolvimento significativo dos jovens. Se ainda não ouviu, encorajo-o a ouvir o episódio anterior, “Pockets of Optimism: Empowering Youth to Melhore Mental Health”. No episódio de hoje, ouvirão três jovens vozes carismáticas na saúde global. Juntos, vamos aprofundar o papel crucial que os jovens podem desempenhar na definição da tomada de decisão relacionada com a saúde, hoje e no futuro. Juntam-me Inês Costa Louro, Aloyce Urassa e Hamaiyal Sana. Inês é médica do primeiro ano de Portugal e vice-presidente para Assuntos Externos da International Federation of Medical Students Association. Aloyce é cientista de saúde pública da Tanzânia e presidente do Conselho Consultivo da Juventude da Aliança de Líderes Africanos para a Malária, e Hamaiyal Sana é médico paquistanês e vice-presidente do Conselho de Juventude da Organização Mundial da Saúde. Obrigado a todos por se juntarem a mim hoje. Quero começar a nossa conversa pedindo a cada um de vós brevemente para partilhar com os nossos ouvintes como utilizou a sua voz na saúde global. Talvez possamos começar pela Inês, a sua experiência.

**Inês Costa Louro** [00:01:56] Atualmente sou vice-presidente para Assuntos Externos da Federação Internacional das Associações de Estudantes de Medicina. Trabalho com os nossos membros, estudantes de medicina de todo o mundo, e tento recolher e ligar as suas opiniões sobre vários tópicos globais de saúde, nomeadamente saúde pública, saúde planetária, ciência médica e assim por diante. Para além do IFMSA, também faço parte de redes de jovens no Gabinete Regional da OMS para a Europa e no Gabinete das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. Estas redes são também uma excelente plataforma para eu falar em nome da minha própria geração, em nome da juventude, e nestas duas em particular, principalmente sobre a prevenção de substâncias. É ótimo termos várias oportunidades para trazer a nossa perspectiva para a mesa.

**Garry Aslanyan** [00:02:45] Ótimo. E tu, Aloyce?

**Aloyce Urassa** [00:02:47] Do meu lado, trazer a minha juventude, usar a minha voz para o impacto global, também tem sido uma viagem. Posso falar no momento em que estou sentado na presidência do Conselho Consultivo dos Líderes Africanos Malaria Lancet, utilizando a minha voz para defender um envolvimento significativo dos jovens na luta contra a malária, assegurando particularmente que as suas vozes atinjam o alto nível. Também estive sentado na Global Fund Advocates Network como orador para representar as vozes dos jovens na luta contra a malária, e também garantir que temos uma contribuição como a maior parte da população, somos mais de 60% da população a nível mundial e para África estou certo de que temos mais de 65%. Temos de garantir que as nossas vozes sejam ouvidas em termos de assegurar o fortalecimento dos sistemas de saúde, e estamos a responder a componentes-chave da diversidade, inclusão e equidade.

**Garry Aslanyan** [00:03:46] Hamaiyal.

**Hamaiyal Sana** [00:03:47] Diria que à semelhança dos meus colegas, iniciei o meu percurso na política de saúde e advocacia e investigação como estudante de medicina. Isto levou-me a servir como oficial de ligação com a OMS para estudantes de medicina durante um ano por volta de 2022 a 2023. Isso também foi na altura em que tive a sorte de trabalhar com algumas das jovens mentes brilhantes que

trabalhavam com o secretariado da OMS há dois anos para estabelecer o Conselho de Jovens da OMS, um órgão consultivo único dentro da OMS. Tenho servido como vice-presidente do conselho de juventude da OMS e tentei fazer parte dos esforços dos jovens para ver a primeira rendição dos esforços da OMS que tornam a parceria juvenil uma realidade no sistema.

**Garry Aslanyan** [00:04:36] Estou realmente impressionado com todas estas coisas em que está envolvido. Hamaiyal, o senhor mencionou o Conselho da Juventude da OMS. Pode dizer-nos mais como o conselho influencia parte do trabalho técnico que a OMS faz?

**Hamaiyal Sana** [00:04:50] O Conselho de Juventude da OMS é um órgão consultivo que foi estabelecido dentro da rede da OMS, a maior parte do nosso trabalho concentra-se principalmente em dar conselhos a diferentes trabalhos técnicos que a OMS faz, e também o trabalho de defesa que a OMS faz. Estabelecemos pessoas focais dentro do conselho da juventude, que trabalham em conjunto com esses departamentos e contribuem para diferentes tipos de vias, como consultas que acontecem ou documentos técnicos que saem desses departamentos ou para fazer parte das delegações da OMS para reuniões externas como a Conferência dos Partidos para as Alterações Climáticas ou as reuniões internacionais de parlamentares. Actualmente, temos 22 grupos liderados por jovens que fazem parte do Conselho, como podem imaginar, dispomos de uma vasta gama de conhecimentos especializados em matéria de saúde e não saúde, política, investigação e técnicos no conjunto do Conselho.

**Garry Aslanyan** [00:05:46] É bom saber que existem muitas oportunidades para o Conselho da Juventude se envolver com diferentes áreas da OMS. Aloyce, acredita que as vozes suas e dos seus colegas tiveram um impacto tangível no trabalho da Africa Leaders Malaria Alliance? Talvez possa partilhar alguns exemplos específicos de sucessos que experimentou.

**Aloyce Urassa** [00:06:07] A African Leaders Malaria Alliance é uma coligação de chefes de Estado, os 55 chefes de Estado dentro da União Africana, que foi formada para defender a luta contra a malária. A partir de 2021, o ALMA tinha uma componente de priorizar o envolvimento dos jovens como áreas-chave prioritárias na sua agenda prioritária. Esta ordem do dia foi assinada por decisão dos Chefes de Estado. As vozes dos jovens são realmente ouvidas e levadas em consideração pelos Chefes de Estado. Diria, em grande medida, que a minha voz e a voz da equipa que lidero e os grupos de jovens estão a ser realmente ouvidas, e conseguimos recrutar e formar mais de 3000 jovens em todo o continente interessados em apoiar a agenda da malária. Lançámos também com êxito grupos formais de jovens sobre a malária e entidades em dez países até agora, e mais países estão a manifestar interesse. Sempre que falamos, sempre que trazemos os nossos contributos para a mesa, há um interesse elevado dos programas dos programas de malária, programas de NTD, mas também os chefes de Estado estão a respondê-los e apoiá-los. Temos bons exemplos do Congo e do Uganda. Na minha opinião, sim, as nossas vozes estão a ser ouvidas, mas são necessárias novas acções para pôr em prática mais das nossas vozes e ideias e produzir mais impacto a nível comunitário e global.

**Garry Aslanyan** [00:07:41] Tivemos um episódio sobre malária se os nossos ouvintes quiserem voltar e ouvir. Ficou claro que tirar a malária do continente não vai ser tão fácil e precisamos de todos os esforços e compromissos diferentes a diferentes níveis. O que referiu claramente é nesse sentido. Inês, quando tu e eu falamos pela primeira vez, disseste que não precisamos de ser os líderes do futuro, estamos aqui agora. Muitas vezes as vozes dos jovens são adiadas para o futuro e nem sempre estão totalmente envolvidas no agora. No seu papel que mencionou como vice-presidente dos Assuntos Externos da Federação Internacional das Associações de Estudantes de Medicina, como acha que a cultura das grandes organizações pode ser deslocada para abraçar realmente as vozes jovens agora, para além das vezes se pode perceber o tokenismo?

**Inês Costa Louro** [00:08:44] Agora as minhas palavras estão a voltar a assombrar-me. Num tom mais sério, mantenho realmente o que disse. Acredito que somos os líderes do futuro e, daqui a alguns anos, estaremos a liderar os nossos países. Vamos ser as vozes da saúde global, não apenas as vozes jovens, mas, neste momento, somos vistos como pessoas que podem fornecer alguns contributos para soluções para problemas futuros e nem sempre sobre o que está a acontecer agora. Creio que é necessário proceder a uma mudança. Penso que uma pequena mudança poderia ser começar realmente a participar e colaborar no desenvolvimento de capacidades e na construção de recursos em conjunto e não apenas mostrar-nos recursos diferentes que nem sempre são adequados para a geração em questão. Há coisas que já estão a acontecer dentro de algumas grandes organizações que eu acho que são a chave para o envolvimento dos jovens. Por exemplo, mencionei a rede em que fazia parte, a região europeia da OMS e também neste momento, o Gabinete da Juventude das Nações Unidas tem uma ideia semelhante, ou seja, existem grupos de jovens em cada uma dessas redes que estão a trabalhar em conjunto com as pessoas por trás delas para construir a estratégia. Não somos apenas solicitados a fazê-lo, aqui está um problema e quais são os seus contributos para resolver este problema? mas, na verdade, somos convidados a construir a estratégia em conjunto. Eu diria que é realmente isso que precisa ser feito e começar a valorizar o que podemos trazer para a mesa, porque muitos de nós somos, na verdade, investigadores. Temos muita experiência em vários, vários tópicos que estão a ser discutidos neste momento. A mentalidade também precisa de mudar, não só para nos vermos como vozes dos jovens e opiniões dos jovens, mas também como colegas especialistas.

**Garry Aslanyan** [00:10:39] Este é um ponto muito bom que referiu, portanto, uma pergunta a todos os três. Quais são as perspetivas ou experiências únicas, experiências técnicas ou conhecimentos que vozes jovens como a sua oferecem em saúde global. Inês talvez possa começar, e depois vamos dar a volta.

**Inês Costa Louro** [00:10:57] Mesmo os oradores que aqui têm hoje, olham para nós e todos temos diferentes origens. Somos de diferentes regiões do mundo e viemos de diferentes comunidades. Isso é o que há de mais valioso em todos nós. Ninguém conhece as nossas comunidades como nós. Ninguém conhece a nossa geração como nós. É sempre uma perspectiva diferente que trazemos para a mesa. Somos perseverantes, somos criativos, estamos prontos para discutir, para ter ideias fora da caixa, para trazer novas perspetivas para a mesa que não se pode obter em outro lugar. Uma coisa muito relevante sobre a qual ainda não falamos hoje é que vivemos num mundo onde não só o futuro, mas também o presente é digital. Vivemos num mundo digital. Quem melhor para nos navegar neste mundo digital do que nós? A nossa geração. Somos nativos digitais. Precisamos de ajudar a navegar nesta transformação digital da saúde e na transformação digital do mundo. Esses seriam três destaques que gostaria de ver para já.

**Garry Aslanyan** [00:12:05] Hamaiyal.

**Hamaiyal Sana** [00:12:06] Gostaria de fazer eco dos meus colegas aqui e dizer que os jovens não são um grupo homogêneo, pelo que todas as perspetivas são importantes e garantir que aprecie e reconheça que todos os antecedentes são importantes nas mesas de tomada de decisão é, penso eu, a primeira mudança de perspectiva de que precisamos. E muitas vezes vemos que, devido a restrições orçamentais ou por limitações de tempo, encontramos-nos frequentemente em caixas que se limitam a apenas ter algumas vozes. Quando olho para o que a minha formação me deu nestes espaços, é exatamente isso. Reconhecendo a minha experiência de trabalho na pequena cidade de Kota, no Paquistão, e agora, quando me sento a estas mesas em Genebra, no Paquistão ou em Boston, percebo que estas abordagens normativas simplesmente não estão a funcionar. Precisamos de ter essas posições ou essas posições no poder no nosso país para realmente ver a maneira como abordamos a educação, o acesso digital, e também as competências de liderança que foram investidas e fazem uma

mudança de perspectiva e também uma mudança de investimento que tem de acontecer para fomentar mentes brilhantes e também garantir que todas as vozes sejam contadas. Nestas posições de alto nível, todas essas opiniões e ideias precisam ser tomadas em conjunto e precisamos de fomentar todas as origens e todas as competências para construir um futuro que seja para todos.

**Garry Aslanyan** [00:13:40] E tu, Aloyce?

**Aloyce Urassa** [00:13:41] Para mim, não é de facto nenhuma solução que esteja a ser oferecida à comunidade. Não é liderado pela comunidade, a menos que os jovens tenham participado e tenham recebido uma posição significativa para co-criar essa solução. Quando se trata de perspectivas ou contribuições profissionais que os jovens estão a oferecer sobre a mesa, vejo, por exemplo, um exemplo em que tentámos realizar um concurso de ensaios de inovação sobre a malária e recebemos mais de 680 propostas tanto da África francófona como da África anglófona. Quando lemos todas estas ideias perspicazes que os jovens estão a apresentar e exemplos das coisas que estão a fazer a nível comunitário, é realmente enorme. Só que a maior parte deles não foi formalizada para ser documentada como parte do contributo que estão a dar nos seus países. Quando olho para a natureza dos eventos liderados por jovens que estão a acontecer em todo o continente e globalmente, já não são apenas programas de conversa. São os jovens que apresentam o que já estão a fazer no terreno. Vão ver apresentações abstratas, não de ideias abstratas, mas de coisas acionáveis que estão a fazer no terreno como investigadores, como inovadores, como comunicadores digitais. Mas, novamente, quando podemos ver uma diferença clara, quando encontramos uma organização liderada por jovens ou departamento de comunicação liderado por jovens, é bem diferente em termos de alcance, quantas pessoas da nossa idade, a simplicidade das mensagens, abordagens inovadoras em termos das mensagens que criam nos programas de vídeo do TikTok, mesmo no YouTube. Não é apenas uma maneira realmente interessante e atraente para muitas pessoas se envolverem. Há muito contributo que é um contributo de peritos, esse contributo profissional que os jovens estão a trazer para a mesa. No Quênia, por exemplo, os jovens campeões da malária têm utilizado, conduzido roadshows e chegam a mais pessoas com mensagens, mais pessoas em testes, mais pessoas com vacinas do que quaisquer outras formas tradicionais que têm sido usadas, como ir de porta em porta. As pessoas usam coisas simples como jogar futebol, mesmo esta semana, o lançamento dos nossos campeões da malária na Nigéria, e juntaram jovens de diferentes equipas e jogaram futebol. Aquela massa de espectadores não estava apenas a ver o futebol, mas também a ser educada sobre a malária e muitas outras coisas que os jovens estão realmente a fazer.

**Garry Aslanyan** [00:16:14] É evidente que os jovens estão a envolver-se com as comunidades de formas inovadoras que estão a conduzir mudanças positivas. Nos vossos países, observou algum interesse dos vossos governos em envolver-se activamente com os jovens e ouvir os jovens?

**Hamaiyal Sana** [00:16:31] No que diz respeito ao Paquistão, posso dizer que percorremos um longo caminho no empenhamento dos jovens, mas ainda está na sua infância. Ainda há um longo caminho a percorrer para realmente ver um setor formalizado de engajamento juvenil. Vimos que há uma maior ênfase no bem-estar dos jovens, e também das populações em termos de políticas que surgiram nos últimos anos. Isso é promissor mas, ao mesmo tempo, há falta de envolvimento dos referidos jovens na formulação destas políticas. Trata-se sobretudo de uma questão fundamental que não dispomos de uma forma formal de abordar. Como é que consultamos os jovens nos nossos governos? Temos ferramentas e plataformas, por exemplo, como plataformas digitais que recebem feedback dos jovens? Uma coisa que é importante mencionar é a iniciativa dos Parlamentares Nacionais da Juventude do Paquistão, que já existe há algum tempo. Essa é uma boa via para que muitas mentes brilhantes se envolvam, e também o programa de delegados da juventude, que é uma oportunidade muito grande para todos os governos incluírem os jovens nas suas missões permanentes quando vão a

grandes reuniões como a Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra. Na verdade, o Paquistão levou 1 ou 2 jovens delegados este ano à Assembleia Mundial da Saúde. Isso mostra um nível de compromisso e também abre uma porta para garantir que este seja um investimento sustentável que possamos ver para os próximos anos.

**Garry Aslanyan** [00:18:03] Interessante. O Paquistão também inclui agora delegados de jovens na W.H.O. delegações. E Portugal, Inês?

**Inês Costa Louro** [00:18:11] A minha resposta à sua pergunta é que realmente depende. Tal como no Paquistão, não existem realmente mecanismos formais para perguntar aos jovens o que temos a dizer sobre várias coisas relativas ao nosso país. No entanto, se faz parte de uma organização juvenil, como uma grande organização juvenil, como o nosso Conselho Nacional da Juventude ou como a nossa organização Nacional de Estudantes de Medicina, e insiste que não aceitará não como resposta. Não é impossível agendar realmente reuniões com partidos, com o governo, com os ministérios e assim por diante. Quando conseguimos agendá-los, somos ouvidos, esse é o lado bom da situação. Para acrescentar ao que Hamaiyal acaba de dizer, nesta passada Assembleia Mundial da Saúde, a IFMSA tem sempre uma delegação na assembleia, mas, como actor não estatal, reduzimos o número de orçamentos, por isso, o que fizemos foi tentar preparar os nossos delegados com as suas missões permanentes e, na verdade, fomos extremamente bem sucedidos nisso. Tivemos dez delegados informais da juventude, dez pessoas que, nas semanas que antecederam a Assembleia Mundial da Saúde, conseguiram juntar-se à delegação dos seus países e dar início a um programa de delegados de jovens nos seus países.

**Garry Aslanyan** [00:19:26] E a Tanzânia, Aloyce?

**Aloyce Urassa** [00:19:29] Da mesma forma para a Tanzânia, não são realmente estruturas muito formais para comunicar, uma vez que também não temos um Conselho Nacional da Juventude. É a mesma abordagem que a Inês acaba de referir, que é ser insistente o suficiente para ser tão jovem em pessoa e tenho visto jovens a sobressarem através dessas estratégias, incluindo a Associação Nacional de Estudantes de Medicina. Eles têm realmente participado de uma série de eventos, enviando as suas delegações para diferentes eventos de alto nível, incluindo o fórum de discussão, o plano estratégico geral quinquenal, onde tiveram até o seu presidente como orador oficial nesse evento. Tudo depende do quanto os jovens decidem elevar o nível, mas também do quanto os programas são integrados e colaborativos, como não tentar evitar duplicações, não ter 10 grupos diferentes de jovens a pedir a mesma coisa, mas sim combinar esforços e empurrá-los juntos. Este é o nosso apelo à acção. É disso que precisamos. É esse o apoio de que precisamos. É isso que estamos a trazer para a mesa.

**Garry Aslanyan** [00:20:28] Estou curioso para saber se teria alguma avaliação ou algum tipo de sugestão construtiva para as atuais orientações globais de saúde e pode ter algumas coisas que observou em relação a questões-chave de saúde global e acha que podem ser feitas de forma diferente ou se tem alguma recomendação. Quem é que quer resolver isso?

**Hamaiyal Sana** [00:20:50] Se me permitem, gostaria também de dizer que, fundamentalmente, da maneira ou eu poderia dizer historicamente, a forma como a juventude tem estado envolvida na saúde global tem sido feita principalmente para os processos finais da tomada de decisão. Verá que os jovens são envolvidos em campanhas de defesa ou para garantir que os seus nomes estão a ser acrescentados em documentos técnicos ou documentos de política. Precisamos agora de ver os jovens como parceiros iguais quando os envolvemos nesses processos, em vez de estender a mão aos jovens para apoiar uma campanha ou dar um contributo para uma campanha ou uma ideia, podemos, em vez

disso, incluir os jovens quando estas agendas estão a ser definidas. Esse é um feedback construtivo que gostaria de partilhar através deste podcast.

**Garry Aslanyan** [00:21:36] Ok, ótimo.

**Aloyce Urassa** [00:21:37] Do meu lado, olharia para a minha sugestão de feedback aos líderes globais. Uma é que tem havido muitas discussões, a assinatura de declarações, compromissos, lançamentos de diferentes programas, mas a nível global tem havido realmente uma grande resposta e visibilidade do que estão a fazer, mas a nível comunitário, há pouco ou nada que está a ser feito. É muito importante, sempre que há uma declaração global sobre um acordo, devem existir mecanismos claros. Sim, como referiu a Inês, como ter assembleias nacionais de saúde onde os países discutem e localizam as declarações globais para soluções que serão realmente úteis e impactantes a nível comunitário. Além disso, quando se trata de engajamento dos jovens, os jovens não são uma ameaça para as posições do líder global, é antes uma estratégia complementar, e também uma medida de segurança para o futuro, porque estamos a falar das agendas de longo prazo, como em África, temos a agenda 2063, são definitivamente esses jovens que estão a ser preparados para a liderança agora, que vão realmente assumir uma liderança forte e também serão responsáveis pelas coisas que estão a ser postas em prática neste momento.

**Garry Aslanyan** [00:22:56] Ok. Uma última questão que gostaria de levantar. É mais sobre a equidade nas vozes jovens. É claro que os jovens estão empenhados, mas ainda existem muitas lacunas e a maioria pode ainda vir de países de rendimentos elevados, e alguns de vocês estão ligados à Associação Internacional de Estudantes de Medicina, que é para estudantes de medicina e depois há provavelmente uma enorme lacuna quando se trata de outros profissionais de saúde, enfermeiros, agentes comunitários de saúde, etc. Como podemos ser mais iguais e ter alguma equidade na forma como as vozes jovens são ouvidas? Talvez voltemos para trás com Aloyce, Hamaiyal e depois Inês.

**Aloyce Urassa** [00:23:40] Para consegui-lo com êxito em termos de envolvimento dos jovens, a primeira coisa é que deve ser realmente intencional. É isso que os principais líderes e os próprios líderes da juventude devem ser realmente intencionais para garantir que haja equilíbrio de género, mas, portanto, há inclusão em termos de representação geográfica e há um apoio claro, por exemplo, se estão a planear um evento liderado por jovens, ou um projeto de implementação, para garantir que tenham um orçamento para apoiar os jovens provenientes de comunidades marginalizadas, dos grupos mais vulneráveis, e não apenas dizer aos jovens que estamos a incentivá-los a participar enquanto estiverem lá nenhum mecanismo claro sobre a forma como participarão, mas também deve haver promoção local dessas oportunidades porque a maioria delas é promovida através de plataformas de alto nível ou redes sociais onde alguns dos jovens mais afetados podem não ter acesso. Também no que se refere à questão do género, que é mais premente, posso dizer que temos este bom exemplo dos nossos jovens campeões. Fomos lançados em dez países, mas nenhum deles tem uma mulher líder, mas depois mudamos tudo isso, assegurando que pressionamos especificamente os países a garantir que pelo menos treinem algumas moças para assumirem a liderança, mas também encorajá-las, abordá-las vigorosamente. Necessitamos de líderes femininas nestes cargos. Espero que na próxima semana tenhamos a Namíbia a lançar o seu primeiro grupo de jovens contra a malária e os dois principais líderes são ambos do sexo feminino, muito vibrantes, muito activos e, na esperança, vão realmente dar à luz e inspirar outras mulheres a aproveitarem essas oportunidades assim que chegarem aos seus países.

**Garry Aslanyan** [00:25:26] Ok, Hamaiyal e depois Inês.

**Hamaiyal Sana** [00:25:30] Fundamentalmente, o que vi muitas vezes é que existe uma grande disparidade na forma como os jovens realmente se envolvem com essas oportunidades, porque muitas vezes se via que há uma chamada, para se juntarem a uma delegação de estudantes de medicina, enfermeiros ou profissionais de saúde em Genebra, e eles perguntavam muitas vezes, então, não temos o apoio financeiro, como vamos conduzir o processo de visto e quem realmente estará lá para nos apoiar para nos preparar para esta reunião? Esse é o primeiro nível de rastreio que muitos jovens fazem e que elimina uma grande maioria das vozes de outras esferas. Podemos e devemos investir para garantir que existam bolsas de estudo e bolsas de estudo nas quais os jovens possam realmente participar no seu desenvolvimento de capacidades e na sua política global de saúde, na diplomacia e no trabalho de investigação, e também garantir que há um ónus sobre todas as partes interessadas da saúde global para garantir que haja uma tomada de decisão que possa ser tomada, ter vozes jovens de todas as classes e de todas as origens através de reuniões bem planeadas e bem pensadas fora a logística para não deixarmos ninguém de fora.

**Inês Costa Louro** [00:26:48] Hamaiyal, tirou muitas das minhas palavras da minha boca. O que eu realmente quero focar seria o apoio financeiro e as questões de vistos. Essas são as coisas que realmente impedem a participação de muitos jovens. Se uma grande organização como a OMS, tal como uma entidade da ONU, tomar medidas proativas nestas questões, muitos vistos podem ser recompensados a jovens que de outra forma não poderiam viajar, participar numa conferência ou qualquer outro tipo de eventos. Este deve ser um primeiro e mais importante passo rumo à equidade, à inclusão e à diversidade. Outra coisa que disse é o apoio financeiro, a maioria de nós, se não todos, faz tudo isso voluntariamente. Temos os nossos estudos a pagar, ou estamos a começar o nosso primeiro emprego, portanto, ir para um país muito longe do nosso, pagar voos, alojamento e comida e tudo, é realmente algo bastante difícil. Não é possível que todos possamos apoiar-nos. Tenho outra coisa que gostaria de mencionar, que é que a juventude em geral tem por vezes alguma descrença nas grandes organizações. Porque é que digo isto? Como até passei por isso recentemente, às vezes investimos muito dinheiro, muitos dias para participar, as delegações vão a eventos apenas para ficarem atrás de uma janela de vidro ou para ficarem numa sala de transbordamento e ver o evento principal acontecer através de uma transmissão ao vivo no YouTube, e para fazer isso, poderíamos estar a fazê-lo em casa. Também está na altura de mudar isso, de mudar esta narrativa, e se quiserem envolver a juventude, precisamos de estar lá.

**Garry Aslanyan** [00:28:34] Sinto-me inspirado pela sua paixão e confiança. Que conselho daria aos jovens que estão a ouvir e a perguntar-se como podem encontrar a coragem para dar um passo em frente e fazer ouvir as suas vozes? Talvez todos possam partilhar alguns exemplos que experimentaram.

**Aloyce Urassa** [00:28:52] Não há razão para se preocupar ou ter medo do seu potencial. Há pessoas por aí que estão realmente ansiosas para saber o que podemos trazer para a mesa e sabem que o que temos nunca é demasiado pequeno para ser apresentado. Lembro-me de quando comecei a envolver-me nestas plataformas globais, o meu inglês não era tão facilmente compreendido porque comecei a aprender inglês aos 13 anos. Comecei a envolver-me nestas plataformas onde tem de se expressar em inglês. O meu inglês era ruim, a minha gramática era ruim, mas ainda assim a minha confiança levava-me a algum lugar. Lembro-me da minha primeira viagem para fora do país, quando fui aprender sobre advocacia e saúde, e reforço dos sistemas de saúde. Quando me apresentei, e estava muito profundamente preocupado por dentro, mas na minha cara tentei estar confiante, e mostrar que sabia o que estava a dizer, e a partir daí as pessoas viram algo, a minha paixão na luta contra a malária e eu cresci, e agora estou a servir de líder técnico para uma grande organização no continente, tendo de apresentar perante diferentes sectores privados, persuadi-los a dar recursos à organização e aos

países, algo que não fiz Imaginem quando estava a começar. Nunca é tarde para começar. O melhor momento é agora. Nunca seremos tão jovens como neste momento. Não tenhas medo de começar.

**Hamaiyal Sana** [00:30:17] É muito importante que todos os jovens percebam isso. Historicamente, os jovens têm sido os maiores impulsionadores da mudança e da mudança do status quo. Assim, de uma forma que também vos humilhe a pensar que talvez não seremos a única solução como um jovem para este grande problema, mas se estivermos lá a trabalhar em conjunto com outros jovens de diferentes partes do mundo, tendo um problema partilhado ou um desafio estrutural partilhado que todos enfrentamos, cria um movimento que se torna importante para todas as partes interessadas globais prestarem atenção. Isso, de certa forma, tira os holofotes de uma pessoa que sente a amplitude de dúvidas e desafios e a síndrome do impostor que paira na parte de trás da cabeça da maioria de nós. É muito humilhante quando se trabalha com outros jovens e percebe que não somos muito diferentes uns dos outros, encontrando também maneiras de construir sobre isso e criar uma comunidade que está a moldar o futuro para nós e para as gerações vindouras.

**Inês Costa Louro** [00:31:19] Não poderia estar mais de acordo com Aloyce e Hamaiyal. Temos sido catalisadores de muita mudança, mesmo não apenas historicamente, mas agora vimos o conselho de juventude da OMS. Como jovens, temos sido precursores de algumas das resoluções da OMS, a mudança pode ser feita se fizermos ouvir a sua voz. Acredito que existe este espaço para cada um de nós falar o que pensa e iniciar um movimento. As pessoas percebem-nos como o futuro, e às vezes nós também. Às vezes somos os nossos maiores inimigos, pensando que, ok, sim, agora tenho 25 anos, posso contribuir mais daqui a cinco anos quando tiver 30 anos e onde sou levado mais a sério, mas não somos apenas o futuro, somos o presente, estamos aqui agora. Agora é definitivamente a hora de fazer barulho e começar um movimento, começar uma mudança.

**Garry Aslanyan** [00:32:14] Gostei muito da minha conversa com estes três jovens dinâmicos que não estão apenas a preparar-se para futuros papéis de liderança. Eles já estão a pisar neles hoje. O envolvimento da comunidade na saúde é fundamental, e Aloyce enfatizou que o envolvimento dos jovens é um aspecto fundamental desse esforço. Inês instou os países a estabelecerem mecanismos mais formais de engajamento dos jovens, de modo que experiências únicas e perspectivas criativas dos jovens possam potenciar projetos, propostas e políticas. Hamaiyal aconselhou que esforços intencionais e apoio prático são essenciais para garantir que as vozes dos jovens sejam incluídas de forma equitativa. A Global Health Matters está muito satisfeita por ter tantos jovens ouvintes. Ouçamos um deles.

**Matthew Carvalho** [00:33:10] “Olá, o meu nome é Matthew Carvalho e atualmente sou candidato a JD no Georgetown University Law Center. E eu sou um ouvinte ávido do podcast Global Health Matters como estudante e jovem aprendiz, aprecio a forma envolvente e dinâmica como o podcast pode pegar alguns destes conceitos maiores e mais amplos que afetam a nossa vida diária e separá-los de uma forma onde podemos realmente ter uma conversa mais longa e robusta numa variedade de perspectivas e uma variedade de oradores. Agradeço as nuances que o podcast traz a estes tópicos diferentes, complexos e por vezes difíceis, e estou realmente ansioso para ver o que vem a seguir”.

**Garry Aslanyan** [00:33:51] Obrigado pela sua mensagem, Mateus. Desejo-lhe tudo de bom com os seus estudos. Sei que muitos dos nossos episódios são usados em universidades e aulas globais de saúde, por isso estou muito feliz em saber disso também. Sei também que muitos dos nossos ouvintes são jovens profissionais. Eles abordam-me em conferências e reuniões e dizem-me olá. É muito bom saber que o nosso público inclui realmente a juventude de todo o mundo. Para saber mais sobre os tópicos discutidos neste episódio, visite a página de Episódios, onde encontrará leituras adicionais, notas de mostras e traduções. Não se esqueça de entrar em contacto connosco através das redes

## EPISÓDIO 41. ESTAMOS AQUI AGORA: A JUVENTUDE A MOLDAR A SAÚDE MUNDIAL

sociais, e-mail ou através da partilha de uma mensagem de voz. E não se esqueça de subscrever ou seguir-nos onde quer que receba os seus podcasts. Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de investigação co-patrocinado pelas Nações Unidas baseado na Organização Mundial da Saúde. Obrigado por ouvir.